

A CIDADE: UM TEXTO A SER DESCOBERTO, UMA HISTÓRIA PARA RECONTAR

Marcelo Sousa Brito

Bacharel em direção teatral (UFBA), Mestre em Artes Cênicas (UFBA)
Pesquisador do Grupo TERRACULT (Departamento de Geografia-UFBA)
E-mail: marcelo.sousabrito@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, apresento a metodologia e parte dos resultados alcançados na pesquisa de campo do Mestrado realizado no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, intitulado “Pedra afiada: um convite para o teatro invadir a cidade”. Busco enfatizar o diálogo entre teatro, geografia e fenomenologia, com foco na discussão sobre as cidades de pequeno porte no Estado da Bahia e o uso/a ocupação de seus espaços públicos. Para chegar a esses resultados centrei-me em metodologias participativas que visavam à construção coletiva de conhecimento a partir da convivência com os moradores da cidade de Itambé, no sudoeste da Bahia. Para chegar a uma nova narrativa, fundamentada no sujeito, o diálogo entre teatro e cidade foi estabelecido, a partir do olhar de seus moradores em encontro com o “seu lugar” de pertencimento. A cidade se tornou “laboratório” para a construção de um texto que pudesse “invadi-la” com outra história, a de quem vive este espaço urbano. Para isso, a “Fenomenologia da Percepção” de Maurice Merleau-Ponty foi de fundamental importância na construção desta *dramaturgia do espaço*.

Palavras-chave: Fenomenologias. Geografia. Dramaturgias. Cidade. Ação Cênica. Espaço Público.

INTRODUÇÃO

Aqui se inicia um percurso no qual as artes cênicas, a história e a fenomenologia da percepção nos guiarão até uma pequena cidade chamada Itambé. Em idioma tupi-guarani Itambé significa “pedra afiada” e, para muitos de seus moradores, o nome em tupi é uma metáfora que simboliza a força de seu povo. Está situada no sudoeste da Bahia, entre Vitória da Conquista e Itapetinga, a pouco mais de quinhentos quilômetros de distância de Salvador. Esta jovem senhora de oitenta e quatro anos de emancipação política, comemorados em agosto de 2011, vive, neste momento, um silêncio, uma crise, uma falta de visibilidade.

Em um estudo minucioso do termo “cultura”, Peter Burke (2002) chega à conclusão que, devido ao interesse de historiadores, sociólogos, críticos literários, entre outros, o significado deste termo tem se ampliado. Os horizontes se abriram passando-se a dar atenção, por exemplo, “à cultura popular, no tocante às atitudes e valores de pessoas comuns e às suas formas de expressão na arte” (BURKE, 2002, p.165). Aqui, não vou entrar na discussão sobre as diferenças entre cultura popular e erudita, mas, além de

valorizar o teatro, a música e a dança como formas de expressão, também o cotidiano, o “*habitus*”, como propôs Bourdieu (1979), as práticas e os costumes serão defendidos como cultura. Respondendo à pergunta “o que é cultura”, moradores de bairros populares de Salvador mapeados pelo projeto Territórios da Cultura Popular (TERRACULT)¹, deram subsídios para Angelo Serpa chegar a uma definição que acredito ser a mais propícia para este trabalho, que prioriza o saber popular:

Cultura significa arte, música, o aprendizado cada vez mais amplo, para ser passado às próximas gerações, tudo que vem do passado, construído ao longo do tempo e das gerações, o acervo de conhecimentos de uma comunidade, tudo aquilo que marca um lugar, as raízes étnicas e as festividades (SERPA, 2007, p.141).

Itambé será vista aqui como um estímulo para refletirmos sobre as relações entre arte e cidade e o teatro é a linguagem escolhida para dar forma a essas reflexões. É comum ouvir falar que o Brasil é um caldeirão cultural. Em todas as suas regiões não faltam manifestações capazes de influenciar a moda, a música, a dança, o teatro, a literatura, as artes plásticas produzidas mundo afora. Mas o que pouco se fala é que neste mesmo Brasil existe um país que o próprio brasileiro desconhece: o Brasil que se encontra no fundo deste caldeirão. O Brasil que nos oferece matrizes importantes de culturas tão peculiares.

Estes fenômenos culturais já foram abordados em vários estudos em diversas áreas. Inclusive já serviram como inspiração, também, para resultados práticos de pesquisas acadêmicas nas áreas das artes cênicas, da geografia, do urbanismo, da arquitetura, apenas para citar alguns campos do conhecimento científico. Teorizar a respeito da manutenção da diversidade cultural, como fortalecimento das identidades locais, se tornou comum nos estudos urbanos atuais e a arte e a cultura são meios possíveis para essa teorização (LOSSAU, 2009, p.40).

Neste trabalho o foco será outro: como a arte pode estimular o cidadão a pensar a cidade na qual ele vive e como este indivíduo pode colaborar com o desenvolvimento do lugar que ele vive, mesmo não sendo exatamente um artista. O importante aqui é colocar o cidadão como ator principal do processo. Sair do pensamento, da teoria e partir para a prática.

A CIDADE DE CADA UM

O que significa este termo: cidade? Difícil encontrar uma definição quando se trata de uma cidade de pequeno porte. Muitos estudiosos se debruçaram, na maioria das vezes, sobre pesquisas a respeito dos grandes centros urbanos no Brasil e mundo afora. A visão da cidade como “palco de grandes acontecimentos” (CARLOS, 2005) não me parece ser a mais adequada a esta pesquisa. Aqui, ao contrário, a cidade será vista como palco para acontecimentos, nem grandes, nem pequenos. Um lugar aberto, pronto para ser invadido, ocupado por seus moradores. A cidade vista como um cenário rico em informações e dados para se pensar o teatro. O espaço onde circulam vida, relações e sentimentos. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura (CARLOS, 2005): é uma fonte inesgotável de inspiração para atores e encenadores que buscam novas formas de composição e novos espaços para abrigar suas criações.

Acredita-se que a análise das relações existentes entre o morador e o lugar pode fazer surgir uma dramaturgia capaz de contar a história deste “ser” e deste lugar, interligados pela emoção que os une. A busca por estas sensações e emoções adormecidas pode nos fazer chegar, também, às informações práticas sobre o desenvolvimento cultural da cidade e de sua história.

Diferente do que vivemos na esfera privada, na qual a vida, os sonhos, os problemas são protegidos pelas quatro paredes da casa, pela cumplicidade e discrição da família, a esfera pública

denota dois fenômenos intimamente correlatos mas não perfeitamente idênticos. Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível (...) Em segundo lugar, o termo ‘público’ significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele (ARENDRT, 2000, p.59-60).

Apostando na repercussão do discurso que, ao menos potencialmente, o espaço público pode gerar, parti, em minha dissertação de mestrado, para o estudo destes fenômenos. A Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty oferece a possibilidade de

experimentalizar uma relação com o mundo de um ser essencialmente sintonizado com o meio e a possibilidade de observar e sentir o que compõe esta pessoa que ocupa este espaço e, ao mesmo tempo, o próprio lugar em sua totalidade. O mundo cultural pode ser, portanto, revelado a partir de uma “significação afetiva”, capaz de fazer refletir, agir, questionar, transformar, mobilizar e unir os cidadãos na consecução de uma ação sócio-cultural:

Há uma mudança de objeto de estudo na estética contemporânea. Analisar a arte já não é analisar apenas obras, mas as condições textuais e extratextuais, estéticas e sociais, em que a interação entre os membros do campo gera e renova o sentido (CANCLINI, 2006, p.151).

Fazer interagir arte e cidade tendo o morador como elo desta interação foi meu maior objetivo; promover este discurso longe dos grandes centros urbanos foi o desafio desta pesquisa, que buscou provocar o surgimento de um texto guardado por quem vive a cidade e, a partir daí, construir um debate. Parti, pois, da hipótese de que é a partir desse emaranhado de dados e referências, que o homem vai criando, ao longo de sua trajetória, laços ligados à terra natal ou ao lugar que ele elegeu como “seu”.

As grandes cidades já vivem um momento no qual tudo se mistura: as épocas, as linguagens, as referências, os estilos, estimulando a hibridação entre as culturas. Mas as pequenas cidades, que vivem às margens deste desenvolvimento cultural, enfrentam outra realidade.

Afastadas dos grandes centros urbanos, as cidades brasileiras de pequeno porte lutam para manter vivas suas tradições e manifestações culturais. É difícil para um artista que vive esta realidade ter acesso a informação e fazer circular suas criações. Muitos artesãos abandonam o ofício que, muitas vezes, é o meio de sustentar a família, porque as grandes lojas, as grandes marcas já vendem, nos *shoppings* das cidades mais desenvolvidas economicamente, versões “repaginadas” de produtos que encontramos nas feiras e nos mercados. Cria-se, assim, uma concorrência desleal com quem não tem a propaganda nem as grandes modelos vendendo suas criações. Neste pacote de desvantagens entram, também, os pesquisadores que usam a arte produzida nestas comunidades como inspiração para suas criações, traduzindo-as à sua maneira e apresentando-as nos palcos do Brasil e do mundo, enquanto a fonte de inspiração

continua estacionada no tempo. Uma dívida difícil de ser sanada. Uma dívida que se propaga através da história e impossibilita o “ser” de se desenvolver, como nos explica Sarlo:

A dívida é também uma dívida de tempo porque, quando o corpo não recebe aquilo de que necessita, o tempo se torna abstrato, inapreensível pela experiência: um corpo que sofre sai do tempo da história, perde a possibilidade de projetar-se adiante, apaga os sinais de suas recordações (SARLO, 2005, p.15).

Foi a fenomenologia que me trouxe o desejo de retornar a minha cidade, de voltar a uma paisagem que ainda me trazia muitas informações, inspirações e muitas questões: o que me mantinha ligado àquele lugar mesmo estando distante? O que poderia fazer diminuir esta distância? Como poderia dividir com meus conterrâneos as informações e vivências que tive fora dali? Transcender o que eu era e o que aquele lugar representava para mim me fez chegar até esta pesquisa e a necessidade de buscar respostas para estas questões. Para Ponty, “não existe vida ‘interior’ que não seja como uma primeira experiência de nossas relações com o outro” (MERLEAU-PONTY, 2004). Esta foi a minha busca: os fenômenos que fundamentam a relação de um indivíduo e seu lugar.

Queria entender o que existia em mim que me mantinha ligado àquele lugar. Abrir os olhos e experimentar de outra forma o cotidiano daquelas pessoas. Ter meu próprio cotidiano. Ser ao mesmo tempo um nativo e um estrangeiro. Queria recuperar uma história perdida, reencontrar pessoas e estimular um debate sobre a atual situação do município. Entrevistei vinte e dois moradores de faixa etária, localização, renda e escolaridade diferentes, em busca de uma imagem coletiva desta cidade e da opinião destes habitantes que estão ali esperando que algo aconteça, com eles e com o município. Cada morador escolheu um lugar, querido por ele, para que a entrevista fosse realizada; assim, um conhecimento histórico, geográfico, social e cultural da cidade ia sendo traçado/ resgatado com o andamento da pesquisa. Para Augé, o lugar “se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 1994, p.73). E foi esta troca que tencionei encontrar ao propor as entrevistas.

Analisar o fenômeno que surge do encontro entre um morador e um lugar escolhido por ele, a partir da fenomenologia da percepção, foi o suporte para o desenvolvimento desta pesquisa. Mesmo transitando por uma abordagem fenomenológica se fazia necessário, para mim, definir de que forma chegaria a estes grupos de entrevistados. Em um primeiro momento, parti da análise de dados censitários gerados pelo IBGE através do Censo 2000, para chegarmos até estes moradores. Nesta pesquisa, tendo Itambé como estudo de caso, a amostragem deveria conter onze homens e onze mulheres com faixa etária a partir de quinze até mais de sessenta e cinco anos. Como nesta seleção optei por não trabalhar com crianças abaixo de quinze anos, o número de habitantes foi reduzido de 33.687² para 22.908. Para cada mil habitantes foi entrevistado um morador. Procurou-se respeitar as percentagens de distribuição de população na cidade, por sexo, faixa etária, renda e grau de escolaridade, para a escolha dos entrevistados, que, além disso, deveriam desempenhar papéis importantes como articuladores das redes sociais com atuação no município. Também era importante ter, entre os entrevistados, representantes das religiões predominantes em Itambé. A partir da definição destes critérios, segui em busca dos entrevistados pelos oito bairros da cidade. Para esta amostragem precisava identificar, pelo menos, um entrevistado em cada bairro³ de Itambé, de modo a cobrir toda a área urbana, objeto da pesquisa de mestrado.

A cada dia a rotina de ir e vir em busca de entrevistados se iniciava. Era preciso romper as barreiras construídas ao longo da história no tocante à falta de hábito dos moradores de ocupar os espaços públicos urbanos, de vencer o medo de sair de casa e enfrentar o desconhecido, o novo. Experimentar a vida e a relação com a cidade de outra forma. Para Serpa (2007, p.09), o espaço público é “compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política” em que “a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica”. O medo está ligado a uma onda de reprodução do culto à violência, gerado pelos jornais e programas de televisão: estupros, roubos, assassinatos, vandalismo são assuntos que podemos ouvir em qualquer roda de conversa. Itambé, como qualquer outra cidade de seu porte, não está imune a estes problemas sociais. A população sente falta de estratégias e infraestrutura apropriadas para que se sinta livre e segura para ocupar estes espaços. É o que propunha com este trabalho: estimular os moradores desta

cidade a ocupar os espaços públicos através de ações cênicas, encorajando-os a acessá-los física e simbolicamente.

O exercício de se perder em busca do inesperado, de parar para ouvir um silêncio guardado há anos e fugir do passar das horas, também foi proposto por Martin-Barbero (2004), oferecendo outras possibilidades de estar na cidade, outras formas de mapas. Assim, se perder e se achar em uma cidade pode tomar outras proporções e nos levar para descobertas que um simples mapa oculta: “O mapa que filtra e censura. Que reduz o tamanho do representado e deforma as figuras da representação, mentindo ainda que por omissão” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.11). Este mapa não me interessava. Preferi trabalhar a imaginação. Ir e vir na intenção de preencher as vias públicas daquele lugar e aventurar-me. Optei pelo mapa noturno, aquele que procura re-situar o estudo dos meios desde a investigação das matrizes culturais, dos espaços sociais e das operações comunicacionais dos diferentes agentes do processo. Um mapa que permite mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima que estimula a descoberta. Segundo as definições de Martin-Barbero (2004), o mapa noturno, uma expressão metafórica, possibilita ao indivíduo o direito de escolher seu próprio itinerário, seu próprio caminho, utilizando outros artifícios para chegar ao destino desejado, como, por exemplo, perguntando a direção aos passantes ou seguindo ruas, vielas e becos não identificados. Foi assim que redescobri Itambé. Seguindo um fluxo que me libertava do lugar comum. Fazendo meu próprio mapa. Seguindo as direções que meu olhar tomava.

É possível, portanto, pensar outra forma de estudar a cidade, unindo o teatro e o cidadão para recontar esta história. “A possibilidade de construir uma cultura ‘na qual o passado seja útil e não coativo’ passa pelo fato de ‘assumirmos o futuro, pois ele já está aqui’” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.37).

A cidade precisa reconhecer sua história e ela está ali, embrenhada em cada rua, em cada praça, em cada canto escondido. Está no olhar, nas marcas do rosto, na poeira que cobre os muros, nos muros e portas, nas passagens, nos caminhos que nos levam para o

interior profundo que podemos sentir quando estamos livres e abertos para o desconhecido.

Os habitantes de Itambé, como os habitantes de qualquer cidade deste imenso fundo do caldeirão chamado Brasil, querem ter os mesmos direitos e deveres sem sair de onde estão. Eles querem continuar ali não de forma passiva, mas como agentes de uma transformação necessária. De acordo com Lefebvre, “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas” (LEFEBVRE, 1991, p.47). Para Lefebvre, cidade é a “projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano” (LEFEBVRE, 1991, p.56).

Muitos dos itambeenses, principalmente os jovens, querem fazer parte da construção desta história, ou da recuperação de uma história aparentemente esquecida. Por isso, também, a importância de incluir moradores com idade a partir de quinze anos dentro do quadro de entrevistados. Aliás, os jovens formam o maior número dentro desta amostragem: três homens e três mulheres com idades entre quinze e vinte e quatro anos. Assim, dividimos os saberes desta história entre os mais jovens e os mais experientes.

Depois de montado o quadro de entrevistados era chegada a hora de ouvir os moradores e dividir com eles questões que provocassem uma discussão sobre a cidade e a relação que os moradores têm com ela. Cada morador foi entrevistado no lugar escolhido por ele, ainda na primeira abordagem quando foi aplicada a ficha de identificação. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada um. Nesta etapa, o morador fazia o percurso de sua casa até o local escolhido por ele de uma forma descompromissada. Como um passeio. Sem nenhum outro motivo aparente. Andar e observar a cidade. Sentir-se como parte daquela paisagem. Diferente do que acontece todo dia, quando cada um tem que realizar suas atividades, gerenciar seu tempo e pensar nos problemas da vida. No dia da entrevista nosso único objetivo era contemplar a cidade. Seguir um percurso dando tempo ao tempo e passear pelas ruas como se fosse a primeira vez.

Chegando ao lugar escolhido, uma explicação de como iria transcorrer a entrevista era necessária, para que o entrevistado se sentisse mais à vontade. Nada poderia intimidá-lo: nem a câmera, nem o gravador de áudio, nem a minha presença, nem as pessoas que possivelmente passariam por nós. Assim, ao contrário de perguntas, optei por um roteiro de estímulos que pudessem fazer o entrevistado refletir sobre aquele momento sem muito compromisso com erro e acerto. Eu também evitava interferir durante a fala do entrevistado. Depois de um tempo de pura observação do lugar, eu começava pedindo que o morador fizesse um retrato falado dele/ dela, de pontos importantes em sua trajetória e traços relevantes de sua personalidade. Uma forma de abrir o caminho para outros estímulos: o que ele/ ela sabia da história da cidade, o que aquele lugar representava para ele/ ela, quais os sonhos que nutria, qual a relação com a cidade, o que mudaria na cidade se ele/ ela tivesse este poder, o que faz uma pessoa dizer que é itambeense, se existe alguma característica peculiar entre os itambeenses, quais as manifestações culturais na opinião de cada um, o que o/ a faz continuar morando na cidade e se participa de alguma atividade cultural ou social no município.

Um indivíduo e um lugar querido por ele. Deste encontro surgiram várias reflexões acerca da cultura, da história e de laços que os moradores mantêm com Itambé. Este processo se repetiu vinte e duas vezes em alguns lugares significativos da cidade. Alguns entrevistados escolheram pontos afastados da zona urbana que privilegiam a beleza natural da cidade, como Marcos Costa⁴, por exemplo, que escolheu o Morro do Bom Jesus. Uma bela montanha onde se encontra uma estátua de Cristo. Batizada pelo pároco da cidade, padre Juracy Marden, de Morro do Bom Jesus, é também um local de peregrinação para os fiéis da igreja Católica, um lugar sagrado para eles. Para Yi-Fu Tuan, o espaço sagrado

organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar (TUAN, 1983, p.103).

Eu libero meu olhar, meu pensamento, meus ouvidos. Disponibilizo-me ao que acontece na minha frente e, assim, a relação entre este indivíduo e “seu” lugar vai surgindo. Neste sentido,

as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia ter à sua volta (MERLEAU-PONTY, 2004, p.23).

No caso de Itambé, onde a história recente ainda não foi contada nos livros e à qual poucos estudos foram dedicados, foi fundamental ouvir as versões dos moradores sobre a história de formação da cidade como uma maneira também de compreender quem é o itambeense de hoje, levando-se em conta os povos que formaram aquele lugar. Como aquela região era ponto de parada dos tropeiros que a desbravaram, uma grande mestiçagem foi se estabelecendo ali, com a formação de famílias entre negros e índios, negros e brancos, brancos e índios. Andando pelas ruas silenciosas da cidade, percebo que esta mistura não repercute no modo de viver dos habitantes, nem na cultura local. É uma mestiçagem que se restringe às características físicas, como nos traços do rosto, textura do cabelo, tonalidade da pele. São raras as famílias que herdaram, de seus antepassados, referências culturais. Esta é uma questão sempre presente em meus questionamentos: por que a cidade onde nasci não preservou dados ou particularidades daqueles que estiveram por ali durante sua fundação? Quem eram estes desbravadores? O que faziam, para onde foram, o que deixaram ali?

O fato de estar localizada na divisa entre Minas Gerais e Bahia fez de Itambé uma cidade híbrida, mas de um hibridismo que não estimulou a valorização de suas características iniciais. O sotaque, por exemplo, traz nuances das duas regiões, sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais; a culinária também é outro exemplo: o que se encontra na mesa dos moradores fica entre o tradicional feijão, arroz e carne, ou pratos da culinária ocidental como lasanha, estrogonofe, pizza. A população não soube absorver do outro, dentro desta mistura, nenhuma especificidade. Em suas manifestações culturais, a cidade precisa pensar esta hibridação como algo positivo na manutenção de tradições que vêm se perdendo:

A hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*. As políticas de hibridação serviram para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras entre culturas (...). Podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação (CANCLINI, 2006, p.XXVII).

A população se divide entre recuperar uma tradição que vem se perdendo ou modernizar estas tradições como forma de atrair público para a cidade. É o caso do São João, uma das festas mais citadas pelos entrevistados como manifestação cultural e motivo de discussão entre os moradores. Entre uma opinião e outra, entre uma transformação e outra, os moradores vão se adaptando. O fato é que nenhum debate com a população sobre a realização da festa é estabelecido. Cada administrador, cada prefeito que é eleito, se sente no dever de dar sua contribuição no que diz respeito à sobrevivência desta tradição, que já atraiu muitos visitantes, gerando emprego e renda para a cidade.

Em sua tese de doutorado, Castro utilizou as festas juninas do Recôncavo Sul para analisar a espetacularização e a reinvenção do lazer festivo nos espaços urbanos de Cachoeira, Cruz das Almas e Amargosa, verificando que os eventos festivos estão cada vez mais mercantilizados e espetacularizados também em pequenas e médias cidades:

Esta prática festiva, antes relacionada à dimensão comunitária e às festas na casa de familiares e amigos, se ampliou e se tornou mais complexa envolvendo diversos agentes e espaços. A partir, sobretudo, dos anos 1970, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado a partir da iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos Estados como Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades (CASTRO, 2008, p.03).

Mas não é só a cultura que faz os itambeenses deixarem a terra natal. No tocante à geração de empregos a cidade vive dividida com a instalação da fábrica da Vulcabrás Azaléia. Muitos moradores questionam a vinda da fábrica para a cidade. A Azaléia é isenta de impostos municipais e recruta mão de obra barata em Itambé, além de levar, diariamente, cerca de oitocentos itambeenses para trabalharem na unidade industrial instalada em Itapetinga, município vizinho, o que esvazia ainda mais o fluxo de pessoas

nas ruas da cidade. O comércio, a educação, a saúde e o lazer também são responsáveis pela saída de moradores em busca de outras opções. Diariamente mais de seis vans fazem o transporte de moradores de Itambé que vão a Vitória da Conquista para fazer compras, ir ao médico, ao cinema, ao teatro, assistir shows musicais que não chegam à cidade, estudar, já que em Itambé as únicas possibilidades de cursos universitários são oferecidas pela FTC/EAD (Faculdade de Tecnologia e Ciências – Ensino à distância): Particular e à distância. Isto acaba enfraquecendo o comércio local, tornando os moradores descrentes da possibilidade do município tornar-se um dia mais independente economicamente.

Nas pequenas cidades do interior “o tempo não tem peripécias e parece quase parado. Não ocorrem nem ‘encontros’ nem ‘partidas’. É um tempo denso, viscoso, que rasteja no espaço” (BAKTIN, 1998, p.353). Às vezes os moradores nem percebem que tudo que acontece agora já havia acontecido na semana anterior e acontecerá da mesma forma na semana seguinte.

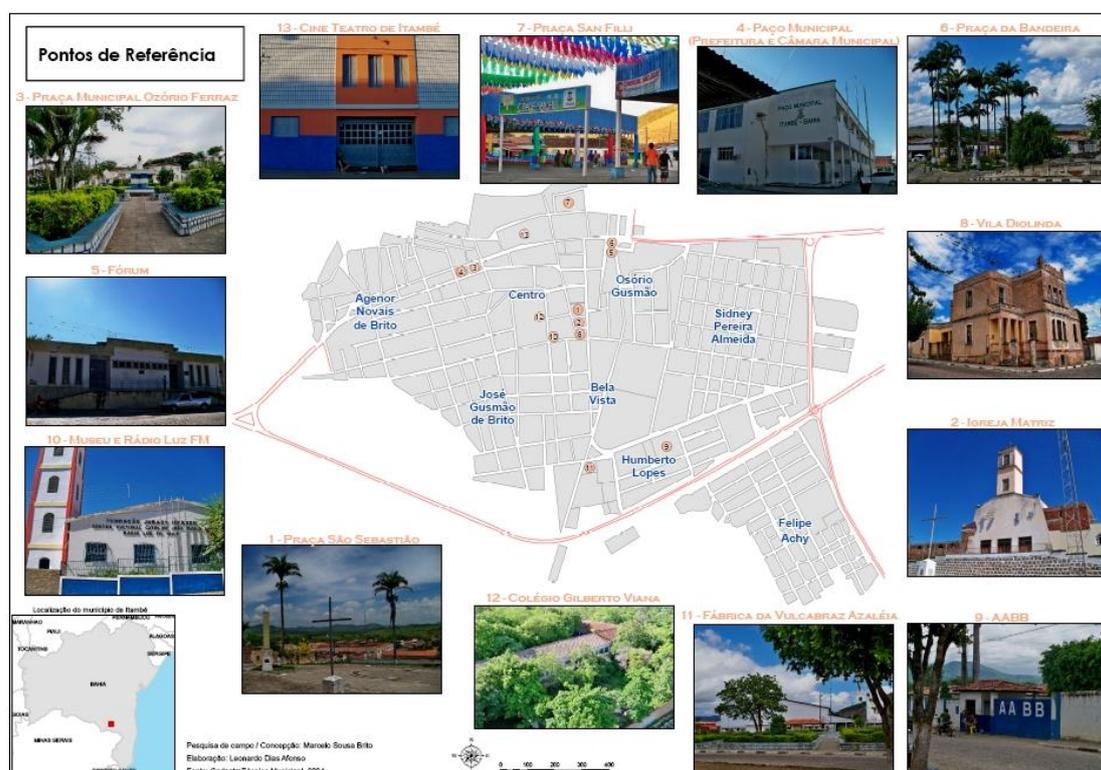
A maioria dos espaços de sociabilidade de Itambé existe apenas como lugar de passagem, talvez por isso, na primeira abordagem, alguns entrevistados tiveram dificuldade em escolher um lugar especial que lhes despertasse algum sentimento para realizarmos a entrevista, justamente por não terem o hábito de utilizar aqueles espaços, mesmo sabendo de sua existência. Os lugares mais citados nas entrevistas foram o Morro do Bom Jesus, a praça municipal Osório Ferraz e a Praça São Sebastião, onde se localiza a igreja matriz (ver figura 1 – Pontos de Referência – Itambé, Bahia).

Por que estes lugares de sociabilidade têm seus momentos de ocupação e depois ficam desertos? Por que não mantê-los vivos, ocupá-los, invadi-los? Por que entregá-los ao silêncio e ao vazio se são lugares queridos pelos moradores? Estas questões sempre estiveram presentes em meus pensamentos, como uma possível expectativa para o futuro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bakhtin, cronotopo é o centro organizador dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer que a eles pertence o significado principal gerador do enredo (BAKTIN, 1998, p.355). Este conceito criado por Bakhtin para definir o lugar da ação de um romance literário dialoga com nossa definição de lugar.

Figura 1 – Pontos de Referência



O fundamental é entender a história do lugar, fazer dialogar as gerações que ali vivem e reutilizar os espaços públicos existentes, que estão sempre abertos a outras formas de ocupação.

Várias mudanças aconteceriam no momento em que os habitantes entendessem esta dinâmica, assim, o cotidiano da cidade poderia ser alterado. O morador mudaria suas posturas e passaria a se comportar como um rico personagem dos romances. A partir daí, surpreenderia a si próprio, enriquecendo sua personalidade e a relação com o outro, colaborando para a transformação desta cidade, aparentemente desinteressante, num

lugar no qual tempo e espaço poderiam estar plenos de mistérios, surpresas e encantamentos.

Depois de analisados os fenômenos surgidos do encontro entre os moradores e os lugares escolhidos por eles, sete ações cênicas foram realizadas em espaços públicos da cidade (ver figura 2 – Ações – Itambé, Bahia). Estas ações foram criadas a partir de questões levantadas nas entrevistas e com a participação de um número maior de moradores, com o intuito de provocar a reflexão e estimular o envolvimento cada vez maior do cidadão no desenvolvimento de sua cidade.

Figura 2 – Ações



Amar e defender a cidade foram os sentimentos que os itambeenses mais expressaram durante a realização desta pesquisa. Mesmo diante do descaso do poder público e da falta de perspectivas, os moradores de Itambé continuam depositando e investindo esperança no futuro deste lugar querido por eles, fazendo interagir cidadania e cultura, como propunha Milton Santos (1993). Depois de meses envolvido neste projeto, estimulando reflexões, debates e encontros, portas e janelas foram e, acredito, serão

abertas para que os moradores desta pequena cidade se sintam donos dela, responsáveis por ela, possuidores do futuro desta cidade que somos todos nós.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas-SP: Editora Papirus, 1994.
- BAKTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)**. São Paulo: Editora UNESP/HUCITEC, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction – Critique sociale du jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BRITO, Marcelo Sousa. A Cidade como Palco. **Discutindo Arte**, São Paulo-SP, v. 4, n. 4, p. 58-61, 2005.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Edição, 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora EDUSP, 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Dinâmica territorial das festas juninas em Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas-BA**: especificidades entre a espetacularização e a reinvenção do lazer festivo no espaço urbano. Julho de 2008. 341f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LOSSAU, Julia. Arte no espaço público: Sobre as relações entre as perspectivas artísticas e as expectativas das políticas de desenvolvimento urbano. **GeoTextos**, Salvador, v. 5, n.1, p. 37-57, jul 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introdução – Aventuras de um cartógrafo mestiço. In: **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2004. p. 9 – 42.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 2ª Edição. São Paulo, Nobel, 1993.
- SARLO, Beatriz. **Tempo presente: Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005
- SERPA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço & Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Editora Difel, 1983.

¹ O Grupo de Pesquisa TERRACULT: Territórios da Cultura Popular originou-se, no ano de 2004, das pesquisas desenvolvidas no Grupo Espaço Livre, buscando aprofundar a análise das manifestações culturais em bairros populares de Salvador, a partir da operacionalização dos conceitos de Território e Identidade Cultural, como subsídio para a produção de vídeos-documentários.

² Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE, Itambé ficou com 23.106 moradores. Parte desta redução se deve à perda de quase 7 mil habitantes em relação ao Censo realizado no ano 2000. O território do município também diminuiu, antes eram 1.626 km², agora são 1.442 km², devido à perda do distrito de São José do Colônia para o município de Caatiba, o que implicou também em redução de população de cerca de 3.000 habitantes. 3.392 dos itambeenses vivem na zona rural e 19.714 na zona urbana.

³ A divisão por bairros em Itambé nunca foi absorvida pela população. Toda extensão da cidade era compreendida como “centro”. Hoje a cidade está dividida oficialmente em oito bairros e alguns já vêm sendo assimilados pelos moradores.

⁴ Todos os entrevistados citados no artigo assinaram documento autorizando o uso de seus nomes em qualquer material produzido a partir das entrevistas como artigos, livros, vídeos, etc.